

MULTIEDUCAÇÃO TEMAS EM DEBATE

PEJA I



O Núcleo Curricular Básico – Multieducação

chegou às escolas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em 1996. Embora seja norteador da prática educacional, permite e incentiva, a partir de sua concepção e orientação, que cada Unidade Escolar desenvolva o seu trabalho pedagógico com base na identificação das características peculiares de sua comunidade. É um guia curricular aberto e inovador.

O mundo se transformou.

Mudanças significativas ocorreram.

Novas descobertas foram feitas em todos os campos do conhecimento.

Os reflexos dessas transformações também podem ser vistos na área educacional. Nessa perspectiva, é que estamos propondo os fascículos de Atualização do **Núcleo Curricular Básico – Multieducação**, que não têm como objetivo substituir o guia lançado anos atrás e sim propor novos diálogos, rever alguns conceitos, acrescentar temáticas e ampliar propostas anteriormente discutidas.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

CESAR EPITÁCIO MAIA

Secretaria Municipal de Educação

SONIA MARIA CORRÊA MOGRABI

Subsecretaria

ROJANE CALIFE JUBRAM DIB

Chefia de Gabinete

MARIZA LOMBA PINGUELLI ROSA

Assessoria Especial

SYLVIA REGINA DE MORAES ROSOLEM

Assessoria de Comunicação Social

LÉA MARIA AARÃO REIS

Assessoria Técnica de Planejamento

LUIZA DANTAS VAZ

Assessoria Técnica de Integração Educacional

PAULO CESAR DE OLIVEIRA REZENDE

Departamento Geral de Educação

LENY CORRÊA DATRINO

Departamento Geral de Administração

LÚCIA MARIA CARVALHO DE SÁ

Departamento Geral de Recursos Humanos

MARIA DE LOURDES ALBUQUERQUE TAVARES

Departamento Geral de Infra-Estrutura

JOSÉ MAURO DA SILVA

Redação Final

GIANE MOREIRA DOS SANTOS PEREIRA
JAQUELINE LUZIA DA SILVA
PAULA DA SILVA VIDAL CID

Elaboração de texto de Apoio

ABIGAIL CARDOSO AGUIAR
ALESSANDRA SILVA DOS SANTOS
ANDREA DA PAIXÃO FERNANDES
ANDREIA CRISTINA DA SILVA SOARES
DILMA CAPTI DE MEDEIROS
EDNA DOMINGUES P. DOS SANTOS
ELIZABETH M. DA COSTA ALVES
ELIZETE MORIÃO DE CARVALHO
FABÍOLA CRUZ DE SOUZA
FELICIDADE CLÁUDIA MAGALHÃES
JANAÍNA DE AZEVEDO CORENZA
JANETE DE FARIAS
LILIAN DE ALMEIDA
LUZIA MARIA SCIMMARELLA PEREIRA
MARCIA CRISTINA CARLOS
MARIA DE FÁTIMA BULHÕES C. FREIRE
MARLUCIA GIMENES DE CASTRO
MIRTES L. BANDEIRA
SANDRA HELENA DE OLIVEIRA
SANDRA M. S. DECEMBRINO CALDAS
TEREZA CRISTINA DE FARIAS MOORE
WALNISE DE BRITO

Agradecimentos

ÀS ESCOLAS MUNICIPAIS PELA CESSÃO DAS IMAGENS.
AOS ALUNOS DO PEJA I PELA CESSÃO DE DEPOIMENTOS.
À PROFESSORA SONIA DE VARGAS PELA CONSULTORIA E VALIOSA
CONTRIBUIÇÃO NOS ORIGINAIS.
À PROFESSORA TERESA DAS GRAÇAS RENO PELA COORDENAÇÃO DO GRUPO
DE TRABALHO.
AOS PROFESSORES CECÍLIA VAZ CASTILHO, DOMINGOS NOBRE E MARIA
CECÍLIA DE CASTELLO BRANCO PELA REVISÃO DA REDAÇÃO NAS ÁREAS
ESPECÍFICAS.
ÀS PROFESSORAS QUE PARTICIPARAM DA ELABORAÇÃO DO TEXTO, COM SUAS
LEITURAS E EXPERIÊNCIAS QUE TANTO ENRIQUECERAM NOSSA CAMINHADA.
A TODOS OS PROFESSORES QUE ATUAM NO PEJÀ I, PELA DEDICAÇÃO E
ENVOLVIMENTO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Equipe do Programa de Educação de Jovens e Adultos

CARMEN MARIA SOARES AROZO VIEIRA DA SILVA
CRISTINA NUNES DE SANT'ANNA
FLORA PRATA MACHADO (SUPERVISORA)
JAQUELINE LUZIA DA SILVA
KATIA REGINA DAS CHAGAS MOURA
LENITA COTECCHIA BRANDÃO
MARIA DAS GRAÇAS MEIREIS PEDRA
MARIA LUIZA ASSUMPCÃO SILVA
MARIA LUIZA LIXA DE MENDONÇA
MARLUCY DOS SANTOS VASCONCELLOS
MAURICEIA DE SOUZA COSTA
ROSA MARIA PIRES DE FREITAS
SÔNIA SALGADO MARTINS
VANDA MARIA DE MATTOS MENDES

Créditos Técnicos

Coordenação Técnico-Pedagógica

LENY CORRÊA DATRINO
MARILA BRANDÃO WERNECK
NUVIMAR PALMIERI MANFREDO DA SILVA
ANTONIO AUGUSTO ALVES MATEUS FILHO
MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA
CARLA FÁRIA PEREIRA

Equipe de Apoio

MARILENE MARTINS DE CARVALHO BARBOSA
SANDRA CONTI PADÃO
LAILA DE PAIVA PEREIRA

Criação de Capa e Projeto Gráfico

TELMA LÚCIA VIEIRA DÁQUER
DALVA MARIA MOREIRA PINTO

Fotografia

ARQUIVO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Editoração Eletrônica e Revisão

PADOX - COMUNICAÇÃO

Supervisão e Produção Gráfica

GRÁFICA POSIGRAF

Impressão

GRÁFICA POSIGRAF

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação:** PEJA I. Rio de Janeiro, 2007. (Série Temas em Debate)

Aos professores da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

Em 1996, o Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO foi encaminhado a toda Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, tendo como pressuposto “lidar com os múltiplos universos que se encontram na escola” (NCBM, p. 108), buscando a unidade na diversidade.

Na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, procuramos desenvolver um trabalho de qualidade, promovendo a aprendizagem e privilegiando uma proposta que traz para dentro da escola a vida, o dia-a-dia, o mundo. Esse mundo passa por constantes transformações e a escola precisa acompanhar essas mudanças. Por isso, a necessidade de atualização do Núcleo Curricular Multieducação, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais em seus Princípios Éticos, Estéticos e Políticos.

Fazemos parte da história da educação da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. História de uma rede coordenada por uma Secretaria Municipal de Educação, formada por 10 Coordenadorias Regionais de Educação, abrangendo 1055 Unidades Escolares, 241 Creches, 20 Pólos de Educação pelo Trabalho, 9 Núcleos de Artes, 12 Clubes Escolares, 1 Centro de Referência em Educação Pública, 1 Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos e o Instituto Helena Antipoff – Referência em Educação Especial, compreendendo funcionários, professores e alunos.

É uma história marcada por lutas, sonhos, projetos e que vem objetivando a garantia do acesso, permanência e êxito escolar de todas as crianças que, como alunos desta rede, têm o direito à livre expressão, à interação com os seus pares, ao diálogo com os professores, direção e outros profissionais, exercitando, assim, a sua cidadania.

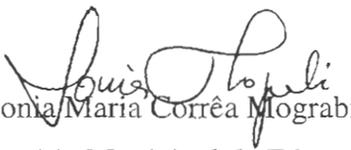
Acreditando na democracia é que optamos pela valorização da representatividade como um dos eixos desta gestão, identificada na

formação de diversos grupos: Conselho de Dirigentes, Conselho de Diretores, Conselho de Professores, Conselho de Alunos, Conselho de Funcionários, Conselho de Responsáveis, Conselho Escola-Comunidade, Grêmios, Comissão de Professores e Representantes dos Coordenadores Pedagógicos. Desta forma, estabelecemos com a comunidade escolar um processo dialógico, desde 2001. Foram ouvidas múltiplas vozes: da comunidade escolar e das Coordenadorias Regionais de Educação. Expectativas, conceitos, críticas e sugestões foram apresentadas. Foi nosso objetivo instaurar um tempo de gestão participativa, valorizando as muitas experiências que emergem do campo e as histórias do cotidiano dos diversos atores envolvidos no cenário educacional da cidade do Rio de Janeiro.

A partir dos encontros com esses diferentes segmentos, várias sugestões de temas para a atualização da Multieducação foram encaminhadas. Elencamos os temas prioritários, a partir das proposições feitas, sendo aceitos e incorporados às duas séries publicadas: “Temas em Debate” e “A Multieducação na Sala de Aula”.

Dentre as diversas ações da Secretaria Municipal de Educação na produção dos fascículos, destacamos o trabalho dos professores na elaboração dos textos. Sendo assim, houve fóruns de professores da Educação Infantil, Grupos de Estudos dos professores regentes de Sala de Leitura, Grupo de Representantes de professores das diversas áreas do conhecimento e de professores da Educação de Jovens e Adultos.

Esperamos que a discussão do material produzido continue em todos os espaços das Unidades Escolares, das Coordenadorias Regionais de Educação e nos diversos Departamentos do Órgão Central, permitindo reflexões e conclusões.


Sonia Maria Corrêa Mlograbi
Secretária Municipal de Educação

OS PASSOS DO PEJA NO COMPASSO DA VIDA E DA MULTIEDUCAÇÃO

*Os sonhos mais lindos, sonhei.
De quimeras mil um castelo ergui...*

Armando Louzada

*Enquanto presença na história e no mundo,
esperançadamente luto pelo sonho, pela utopia,
pela esperança na perspectiva de uma pedagogia crítica.
E esta não é uma luta vã.*

Paulo Freire

Os pensamentos acima afirmam a possibilidade de continuar sonhando. Para Paulo Freire, o ser humano constrói a sua história enquanto presença no mundo e essa se dá através dos passos dados na caminhada do dia-a-dia em direção à construção de um saber que só pode existir e ser comunicado se for fruto de uma construção pessoal e coletiva.

Acreditar no sonho, na utopia alimentada pela esperança faz parte de tudo aquilo que queremos construir como educadores. Portanto, para que essa realidade aconteça de fato, é preciso muita luta e essa não será vã.

Estamos vivendo um momento raro. É impossível não partilhá-lo com aqueles que também acreditam no trabalho educativo e têm como tarefa estar atentos àqueles que estão passando, todos os dias, por suas salas de aula.

Muitas responsabilidades estão em nossas mãos. Foi-nos confiada a tarefa de rever os passos dados nos caminhos já percorridos pelo PEJA. Essa responsabilidade está sendo partilhada, compartilhada e construída por muitas mãos: alunos adolescentes, jovens e adultos e nós, educadores. Numa parceria de cumplicidade que nos infunde coragem, continuamos a dar outros passos, na busca por entender como se dá esse processo de construção de saberes. Para Freire, “o indivíduo é um sujeito ativo numa sociedade em permanente movimento histórico, onde as transformações ocorrem pelas ações mútuas.” (MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p. 97).

A elaboração de todo saber verdadeiro tem um caráter essencialmente dialógico. Educador e educando sabendo-se fundamentalmente iguais em sua diversidade, são sujeitos empenhados na descoberta do conhecimento. Acreditamos que, se quisermos aprender, é preciso deixar espaço para conhecer o outro e ter a certeza de que ele tem algo a nos ensinar.

Sabemos que os passos dados pelo PEJA I ainda não são suficientes. É necessário continuar a caminhada, no sentido de superar os entraves que foram impostos nesta tão sofrida história de EJA no Brasil.

Sem dúvida, esse processo que estamos atravessando, deixará pegadas importantes que marcarão esse momento. E, com certeza, incentivará outros passos que deverão continuar a ser dados.

O mundo hoje está em constante transformação e renovação, ora por retroceder em alguns princípios ora por ultrapassá-los. A nossa atitude de educadores diante dessa dinâmica deve ser de vigilância e de criticidade no sentido de nos percebermos como co-autores da relação educativa. Não estamos nos referindo apenas ao projeto de “escola”, mas os saberes, o poder, as realizações, os sentimentos que são construções comuns a todos quantos se arvoram a verdadeiramente viver este mundo, sejam crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos. A plenitude não deve ser reservada a alguns poucos. Não é possível negar à maioria a aspiração de crescer enquanto sujeito e a capacidade e a possibilidade de autonomia. É imprescindível construir uma dimensão mais ampla de aprendizagem, permitindo aos alunos e professores o estabelecimento de relações mais dinâmicas com o entorno social e com suas questões que passam, então, a ocupar a centralidade das práticas curriculares.

Eu gosto do programa de Educação de Jovens e Adultos que ensina pessoas a viver a vida de outra maneira, assim elas aprendem a entender o mundo conforme ele é: agitado e sem explicação.

Portanto, para repensarmos os passos dados no nosso trabalho, é necessário compreendermos que... *Passo a passo se faz caminho.*

Avante e Adiante

Fim de tarde, são dezoito horas. O dia corre ansioso por encontrar a noite. Aos poucos eles vão chegando, gente de todas as cores, de todas as dores, de todas as idades e das comunidades. Chegam de mansinho, conversando, espalhando-se pelo pátio, buscam o refeitório, jantam e ligam a TV. Dezoito e trinta. A campanha soa. É assim por aqui e também por aí...A rotina se repete. Sim? Não!! A cada dia é perder o chão. Uma sala de aula do tamanho do mundo com múltiplas linguagens ainda pequena para entender o universo do SER...

Diretora Lelis da Silva Mota – E.M. Barcelona – E/5ª CRE

Andar pelas estradas desta sala de aula do tamanho do mundo, criando novos trajetos e novas possibilidades, torna-se muito mais suave se compartilhamos estes caminhos. Cair e levantar, tentar e querer sempre, este é o segredo. Desta forma, o nosso desafio entre tantos outros, é entender que o cotidiano destes jovens e adultos sugere a reflexão sobre a vida dos gestos, das atividades rotineiras, do mundo privado de cada um, em todas as suas ambivalências. Porque atinge um modo de existência social que flui entre o fictício e o real, o abstrato e o concreto, o homogêneo e o heterogêneo.

Nossos primeiros passos frente à Educação Jovens e Adultos precisam ser a compreensão do contexto social, histórico, cultural e político no qual a EJA está inserida. Para que essa intencionalidade ético-política não se esgote no voluntarismo faz-se necessário torná-la efetiva e eficaz na processualidade das práticas educativas referidas à sistematização

das aprendizagens, na especificação dos conteúdos das aprendizagens pretendidas, no travamento das relações intersubjetivas, na disposição material de lugares, coisas e tempos, no pleno aproveitamento das virtualidades dos recursos e metodologias disponíveis e, sobretudo, na mediação da docência em sala de aula. Assim, é importante que estejamos atentos às mudanças no paradigma da EJA que historicamente vêm sendo construídas e que norteiam, de maneira consciente ou não, as práticas pedagógicas nas salas de aula.

A EJA tinha como objetivo principal uma concepção de aligeiramento de ensino. Hoje, porém, refletindo uma necessidade e uma exigência da sociedade contemporânea, tem como objetivo maior a educação permanente dos jovens e adultos. Esta mudança de paradigma vem acompanhada de uma significativa mudança no perfil do público da EJA, que apresenta cada vez mais uma característica de urbanização e de heterogeneidade etária.

Na nossa escola tem alunos de várias idades, de 15 até 86 anos, por isso não devemos ter preconceito e devemos tratar todos igualmente, independente da idade. Os mais novos devem respeitar os mais velhos e os mais velhos devem ter paciência com os mais novos, apesar dos interesses diferentes de cada idade...

Diante disto, faz-se necessário rever constantemente as concepções pedagógicas já constituídas, a fim de abarcar novas expectativas e perspectivas.

Pensar a EJA no Sistema Educacional do Município do Rio de Janeiro implica em refletir sobre alguns aspectos:

- ⌘ O que definimos como EJA e suas funções;
- ⌘ As bases axiológicas que fundamentam a prática docente em EJA;
- ⌘ As exigências contemporâneas da sociedade e as expectativas e demandas dos alunos que buscam a EJA;
- ⌘ As propostas pedagógicas específicas necessárias.

FUNÇÕES DA EJA

O meu sonho era ir à escola, mas não podia porque não havia escola na roça. E o tempo passou e o meu sonho continuou, agora o meu sonho realizou.

A importância da Educação de Jovens e Adultos ultrapassa os aspectos educacionais. Segundo Durante (1998, p. 13), a EJA está relacionada “à situação de desigualdade sócio-econômica em que se encontra grande parte da população do nosso país”.

Sendo assim, os objetivos da EJA visam não somente oferecer uma educação de qualidade, porque ao conduzirem as mudanças intra-escolares, estarão emanando a construção do processo de compreensão das múltiplas possibilidades humanas, proporcionando aos alunos mudanças significativas em todos os aspectos de suas vidas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais legitimam esses objetivos no Parecer CNE/CEB 11/2000 ao estabelecer as funções da EJA. São elas: reparadora, equalizadora e qualificadora (BRASIL, 2000).

Estas três funções nos fazem pensar, enquanto educadores, em nosso papel. Apesar de se apresentarem como três ESTRADAS diferentes, elas convergem na tentativa de se chegar a um só lugar: contribuir efetivamente para a formação do sujeito crítico.

A função reparadora tem por finalidade reparar a realidade histórico-social de exclusão, tratando com igualdade toda a diversidade existente nesta modalidade de ensino, oferecendo aos alunos as oportunidades que não tiveram em idade regular. Em poucas palavras, restaurar um direito negado.

A função equalizadora busca propiciar a reentrada de alunos que tiveram sua escolaridade interrompida forçadamente pela repetência ou pela evasão, no sistema educacional e dar condições para sua permanência. Esta função oportuniza a todas as pessoas, de todas as idades, retomar seu potencial, revelar habilidades e competências

adquiridas ao longo de suas vidas, trocar novas experiências e construir conhecimentos.

A função qualificadora é a que merece mais atenção, afinal, ela tem por objetivo uma educação continuada. Propõe ajudar o aluno a perceber e a querer uma educação que não dura somente o período em que ele está na escola. Os conhecimentos devem ser usados e ao mesmo tempo aprendidos durante toda a vida. Com essa conquista, estaremos contribuindo efetivamente para a formação do sujeito autônomo, capaz de buscar a educação mesmo fora do ambiente escolar. Portanto, “a educação, via de regra, é reconhecida e valorizada positivamente por esses jovens, mais do que isto, não é falta, nem suplência, é direito.” (ANDRADE, 2004, p. 45).



CIEP Gustavo Capanema - E/4º CRE

BASES AXIOLÓGICAS (VALORES, IDEOLOGIAS)



Editorial Semeando Mudanças, SME, 2003c

A sociedade em que vivemos é conflituosa, multifacetada e profundamente exigente. Precisamos pensar: o que faz sentido ensinar na atualidade?

Para responder a essa pergunta, devemos nos aprofundar na trajetória da nossa própria formação e conseqüentemente nas heranças (de vertentes diversas) que nos impedem ou nos facilitam a comunicação, na perspectiva individual ou coletiva.

Compreender a ideologia, a intencionalidade dos fazeres já supostamente estabelecidos é lançar luz sobre a nossa maneira de olhar e conceber o mundo na vida e no espaço escolar.

Trabalhar para o investimento da formação continuada em serviço também é de grande importância, pois este é um espaço em que os professores de EJA poderão juntos "compreender de forma científica

a problemática que envolve os processos de aprendizagem dos saberes não-formais dos jovens e adultos.” (DE VARGAS, 2004, p. 11).

Trabalhar para o investimento da formação continuada em serviço, da socialização das experiências, da participação em diferentes fóruns nos parece ser um dos caminhos que favorecem o rompimento da mistificação da escola como um lugar exclusivo de conhecimento.

Sabemos que, na maioria das situações, nossos alunos recorrem à EJA com o objetivo de ascensão social. Diante disto, nossa postura de educadores exige mostrarmos que a educação vai além. Nela vislumbramos a possibilidade de lutar contra certas facetas perversas da sociedade, tais como a seletividade e a discriminação, que acabam por provocar um rebaixamento das classes populares. É por esta razão que determinadas temáticas comumente trabalhadas na EJA como identidade, cultura, memória, condições de trabalho, *status* econômico e social e profissionalização dos alunos, por exemplo, precisam continuar em estudo e inseridas no currículo, porque nos levam a pensar e estudar nossa própria história e a do outro, a entrelaçá-las, a compreendê-las e a amá-las, criando a possibilidade de transformação social.

Não tenho uma colocação melhor no meu emprego, numa firma onde trabalho das 8h às 17h, porque me falta estudo.

(ESCOLA E FAMÍLIA, 2003a)

Rubinaldo, para quem a força de vontade é tudo, comenta:

– Um dia, fui tirar carteira de motorista

E não consegui.

Cheguei à conclusão de que,

hoje em dia, estudar é tudo.

Todos os dias eu penso:

Se há tanta gente mais velha estudando,

por que eu não posso também?

(ESCOLA E FAMÍLIA, 2003a)

Ler e reler a realidade vivida na perspectiva dialógica, reconhecendo como premissa a autoria e identidade dos diferentes sujeitos é fazer a opção pelo exercício do ensinar/aprendendo, desconstruindo a idéia de homogeneização e apostando na diversidade das relações que se sucedem no espaço escolar.

Segundo o texto da Multieducação (1996, p. 133), é na escola que

[...] os conflitos e diferenças ao se explicitarem, contribuem para a construção de novas formas de ver, sentir, entender, organizar e representar o mundo. Com palavras, com gestos, com imagens com e sem ruídos, com silêncios.

PARA QUEM?

São jovens ou adultos
São trabalhadores
Estudantes da EJA
Ansiosos por aprender
A lição,
a viver
a conviver,
a trocar.
E é nesse troca-troca
De saberes e habilidades
Que se torna
Nessa multiculturalidade
CIDADÃO
Cidadão que:
Ama,
Lê,
Reflete,
Critica,
Afim participa
E expressa
Sua identidade cultural

Prof.^a Alessandra S. dos Santos – E. M. Narbal Fontes – E/6^a CRE

Nossos alunos, bem como nós, seus professores, trabalhadores que sofrem as adversidades relativas às questões de habitação, saúde, emprego, alimentação, transporte, violência, estamos sempre em busca de melhores condições de vida e percebemos a escola como uma oportunidade de desenvolvimento. As experiências dos alunos muitas vezes estão restritas ao entorno de sua moradia. Atribuem os seus fracassos a causas pessoais, culpabilizam-se diante das não conquistas, não conseguem ver as causas sociais de exclusão e desigualdade.

Concepções de gênero, etnia, situação sócio-econômica, têm sido tratadas como se fossem naturais na sociedade, sem que sejam discutidas numa perspectiva histórica. Os conflitos são ignorados, sem que se tente compreendê-los como fazendo parte do encaminhamento na solução de possíveis problemas. (MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p. 67).

Esse universo de impedimentos se reflete na aquisição dos saberes e conseqüentemente na leitura e escrita.

Andando a passos largos ou curtos, pés calçados ou descalços...
Quem caminha contigo?

Diante de um país tão diverso em sua cultura, não cabe mais traçarmos um único perfil do aluno da EJA. Temos hoje, um público vasto que chega à EJA com histórias de vida e anseios diferentes.

Ser negro,
Oriental,
Índio...
Você é normal?
Ou diferente?
Quem irá nos julgar?
Somos um só
Com direitos e deveres
Medos e receios
Aflições e fraquezas
Somos todos IGUAIS, mesmo sendo diferentes.

Débora, Maria Aparecida, Simone, Wanda, Ribamar – CIEP Pablo Neruda – E/7ª CRE

Nos últimos anos, temos presenciado uma demanda forte de jovens oriundos das escolas regulares, que chegam ao PEJA motivados pelo “aligeiramento” do ensino. Não cabe a nós, professores, mais uma vez excluí-los do sistema escolar. É preciso muito preparo, conhecimento e embasamento teórico para lidar com esses jovens, com toda a bagagem de vida que eles trazem e com os possíveis conflitos que surgem no convívio com um grupo de mais idade, cujos objetivos e comportamento não são compatíveis.

Eu brigava todo dia e teve um dia que a diretora me expulsou de lá e me colocou aqui, no PEJA. Estou indo devagar, mais que antes, se fosse naquele tempo esta sala estava pegando fogo.

Há, também, uma presença cada vez mais crescente de alunos portadores de necessidades especiais diversas, que precisam ser acompanhados com um olhar ainda mais diferenciado, com um currículo ainda mais adaptado.

Um aluno tem necessidades educativas especiais quando apresentar dificuldades maiores que o restante dos alunos de sua idade para aprender o que está previsto no currículo, precisando assim caminhos alternativos para aprender. (MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p. 194).

Não é mais *real* pensarmos na EJA apenas para os que buscam emprego, assim como também não é real pensarmos a EJA como garantia deste para quem não tem. O que seria mais coerente é pensarmos nela como um caminho possibilitador do *vir a ser*, de transformação.

Por isso, é imprescindível trabalhar na EJA com a questão da pluralidade social e conseqüentemente com a diversidade de idéias, quebrando alguns conceitos, refazendo outros e avaliando nossa prática para um grupo tão diversificado.

Cabe a nós, professores, contribuir para a compreensão do processo histórico de exclusão e após tal conhecimento e reflexão possibilitar-lhes poder de voz. Oferecer uma sala de aula do tamanho do mundo para os que querem reescrever sua história, fazendo da escola mais um espaço de apropriação do saber (mas não somente o único!) vendo essa formação como algo que oportuniza ganhos em sua vida, nos mais diversos âmbitos.

Sempre tive vontade de voltar a estudar, mas a minha família sempre foi contra, falando “pra quê?”, se eu estava velha. E eu falei que nunca é tarde para começar!

É importante também, reconhecermos que culturas diferentes têm concepções diferentes das coisas. Que o saber das classes populares não é curiosidade nem folclore, é conhecimento construído, resultando em diversas sabedorias. Desta forma estaremos abertos a desconstrução da educação da elite como a única forma de saber instituído, servindo apenas para reforçar o domínio das classes mais favorecidas sobre o restante da população.

Refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais (OLIVEIRA, 1999, p. 60).

COMO (...)?

Não se pode falar de educação sem amor.

Paulo Freire

As marcas que deixamos no caminho dependem de como o percorremos. Compreender o processo de aprendizagem destes alunos nos ajuda, a saber, como pisar neste terreno.

Interação e diálogo são fundamentais no trabalho com jovens e adultos. INTERAÇÃO dos saberes trazidos por eles com os saberes já estabelecidos e que serão ensinados pela escola e DIÁLOGO entre as disciplinas, entre professor/aluno, entre aluno/aluno... “o exercício do diálogo se apresenta como absolutamente essencial, numa proposta pedagógica engajada na realidade socioeducativa dos educandos.” (DE VARGAS, 2003, p. 124).

O domínio de um corpo teórico, atualizado, poderá conferir autonomia da ação, criatividade, possibilidades de construção de instrumental didático, alternativas metodológicas, em suma, estar comprometido pela ação educativa intencionalmente conduzida pela reflexão coletiva. Desta forma essa conduta resultará num dos aspectos mais importantes do nosso caminho: a abertura e a possibilidade de interação e diálogo no trabalho com jovens e adultos. Implicando assim num respeito e compromisso juntos aos saberes trazidos por eles com os saberes já estabelecidos e que serão ensinados pela escola no diálogo entre as disciplinas.

Ainda que cada disciplina tenha seus conteúdos específicos a serem abordados, no PEJA I eles estão sempre interligados. Não é necessário que separemos um único dia para uma determinada disciplina, estes conhecimentos podem e devem estar sendo abordados de maneira integrada, partindo do interesse, dúvidas e experiências colocadas pelos próprios alunos. Precisamos contribuir para a reversão das relações

produtoras da alienação e da ignorância, problema básico a ser resolvido para a consolidação da democracia e do desenvolvimento.

Além disso, devemos estar atentos quanto ao significado do que ensinamos. Da mesma forma que é preciso estar claro para nós porque estamos ensinando um determinado conteúdo, também é preciso estar claro para os alunos por que eles o estão aprendendo.

Viver é compartilhar significados, é expressar os sentidos das coisas de tal forma que eles sejam compreendidos pelos outros. Por isso a insistência para que os saberes aprendidos na escola sejam significativos: porque são imprescindíveis para viver. Daí a necessidade da abertura do currículo para a experiência e o conhecimento existentes fora do contexto escolar.

(MELLO, 2004)

Não existe um único modelo de educação, nem a escola é o único lugar onde ela acontece. Por esta razão, o professor deve saber a quem está servindo ao usar sua prática e ao professar suas idéias. Estaria ele realmente servindo a seus alunos ou transformando-se em um instrumento para atender aos interesses de uma política dominadora? É necessário também que outros saberes, sentimentos e idéias sejam valorizados e integrados à prática educativa numa construção maior, em que sejam contemplados todos os segmentos da sociedade, integrando escola, família e comunidade no desenvolvimento de ações que apontem na direção de uma melhor qualidade de vida para toda a coletividade. Acreditamos ser este um caminho precioso para chegarmos à expressão dos valores e traços fundamentais da cultura dos nossos alunos, elementos indispensáveis para dar base e legitimidade ao plano do educar.

Uma estrada que não tem fim, que sempre se abre em novos caminhos e se multiplica em inúmeros atalhos... Este é o grande roteiro da nossa

viagem. Queremos despertar em nossos alunos esta inquietude do ir e vir, esta vontade de querer e saber sempre mais para centrarem seus saberes na construção de outras escolas, outros currículos que preservarão a esperança de uma ordem social pautada na solidariedade, na cooperação, na participação.

Que este fascículo do PEJA esteja voltado para o campo de atuação do aluno no âmbito do trabalho, do lazer, do esporte, da família, da religiosidade, da cultura, da participação. Que no dia-a-dia na sala de aula se considere a heterogeneidade desses alunos, tornando a escola um local de produção coletiva e de vivências culturais em tempos e espaços flexíveis de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E. R. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, I. B. de; PAIVA, J. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BRASIL. Câmara de Educação Básica. Parecer CEB 11, de 10 de maio de 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos**. Brasília:

DE VARGAS, S. Migração, diversidade cultural e educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação & Realidade** – FACED/UFRGS, Rio Grande do Sul, v. 28, n.1, jan./jul. 2003.

_____. Currículo e Educação de Jovens e Adultos. In: COLÓQUIO LUSO BRASILEIRO DE CURRÍCULO, 2004, Rio de Janeiro. Mesa Redonda. Trabalho não publicado.

DURANTE, M. **Alfabetização de Adultos: leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, P. **Política e Educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

MELLO, G. N. de. **Nova Escola**, São Paulo, n. 177, p. 18, nov. 2004.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**. n. 12. São Paulo: Anped – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, p. 59-73,1999.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Escola e Família**. ano I, n. 1, 2003a, p. 5-6.

_____. _____. **Boletim Informativo do Programa de Educação de Jovens e Adultos – PEJA: O Corujão**, ano 3, n. 3, ago./set. 2003b.

_____. _____. **Editorial Semeando Mudanças – E/DGRH**, ano 9, n. 5, jun. 2003c.

_____. _____. **Multieducação: Núcleo Curricular Básico**. Rio de Janeiro, 1996.

ROMÃO, J. E. Educação de jovens e adultos: problemas e perspectivas. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 6. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.